

## O ENIGMA DE ULISSES EM HOMERO E JAMES JOYCE UM ENSAIO PSICANALÍTICO SOBRE A CESURA DE W. R. BION

Arnaldo Chuster<sup>1</sup>

achuster@centroin.com.br

Resumo: O autor, partindo da sua experiência pessoal na prática psicanalítica, desenvolve o vértice das ideias de Bion sobre a cesura através das conexões com a *Odisseia* e a *Iliada*, de Homero, e o *Ulysses*, de James Joyce. A linguagem literário-poética inspira a interpretação psicanalítica buscando as raízes mais profundas da experiência emocional humana nos processos de ir e vir, luz e sombra, dentro e fora, continente e conteúdo.

Palavras-chave: *Odisseia*, Ulisses, princípio da incerteza, cesura, teoria da complexidade

The Enigma of Ulysses in Homer and Joyce: a psychoanalytical essay on caesura according to Bion's ideas

Abstract: The author takes his own personal experience in psychoanalysis to develop the vertex of Bion ideas on caesura, making links with the works of Homer and James Joyce through the character Ulysses. The poetical language inspires psychoanalytical interpretation seeking the deepest roots of emotional experience in the process of going away and going back, light and shadow, inside and outside, container and contained.

Keywords: *Odyssey*, Ulysses, uncertainty principle, caesura, complexity theory

### Introdução

Como ponto de partida, preciso advertir aos leitores para não esperar deste ensaio a solução de algum enigma literário que, de algum modo, contribuiria para a psicanálise.

A verdade é que não tenho soluções a oferecer, tampouco trago novidades e revelações, entretanto tenho algumas coisas a dizer.

Ao atingir a cesura dos meus 70 anos de idade, declaro que passei grande parte da minha vida em intenso engajamento na prática psicanalítica com analisandos, supervisionandos e alunos. Além disso, li muito e escrevi o quanto pude sobre psicanálise (ou tentei escrever), e me diverti sensivelmente com essas atividades, sendo que esta última ação é a mais relevante neste ensaio.

Abro parênteses para justificar minha diversão citando uma passagem do Eclesiastes (38:24), em que se lê: “a sabedoria do escriba vem através da sua capacidade para o lazer”. Ainda que seja um texto bíblico, suspeito que a ideia provenha de Aristóteles (2015), que expandiu genialmente o tema, articulando a importância do riso, da poesia e do lazer para quem trabalha com conhecimentos.<sup>2</sup> Esse é meu vértice aristotélico da psicanálise.

1 Membro efetivo e didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (sprj) e do Newport Psychoanalytic Institute (npi), Califórnia. Membro Honorário do Instituto Bion.

2 Numa breve análise etimológica do termo “lazer”, temos que ele vem do latim *licere*, que por sua vez vem da escola de Aristóteles, o *Liceu*. Interessante que, em grego, lazer é *scholé*: um termo que dá origem a “escola” em diversas línguas: *school* em inglês, *Schule* em alemão. Tudo indica que lazer englobava o aprendizado e as descobertas.

A psicanálise tem me alimentado física e psiquicamente nos últimos 45 anos, porém não cheguei a nenhuma conclusão sobre ela. Sem constrangimento, usando agora meu vértice socrático, digo que quanto mais pratico a psicanálise, menos eu sei. Também constato que inúmeros psicanalistas praticam pouco, ou nada, mas sabem tudo.

Em contrapartida, formulei algumas ideias sobre a psicanálise, todas incompletas, mas se me perguntarem o que é a psicanálise, vou responder o que digo aos analisandos: só se pode saber o que é psicanálise se analisando (ou como se diz popularmente, fazendo). O mesmo poderia ser dito sobre a vida: é para ser vivida, não há como ser explicada.

Uma dessas ideias incompletas propõe que a psicanálise – seguindo o princípio ético-estético (Chuster, 1999; 2003; 2018a; 2020a) da incerteza (Heisenberg, 2007) – aproxima-se de ser a ciência da observação dos relacionamentos humanos pela ótica do inconsciente (Bion, 1970). A frase não diz muito ou talvez diga excessivamente, mas um dos significados dessa hipótese é a complexidade<sup>3</sup> envolvida no processo analítico que nunca pode ser totalmente abrangida por nossa atual capacidade técnica. Todas as nossas observações são incompletas e modificadas pela simples presença do observador.

Paralelamente, não tenho como prestar contas a outras ciências de que a psicanálise é ciência, uma vez que é uma prática de ordem única na História. Falo um pouco mais sobre essa singularidade ao longo deste ensaio.

Diante desses fatos, constato que na prática da psicanálise, parafraseando Keats (2015), a minha incerteza permanece, as meias-verdades não me deixam, e o mistério diário da clínica continua a me animar. O poeta descreveu a capacidade de tolerar essa tríade como capacidade negativa e Bion (1970), a introduziu como estado mental necessário para praticar a psicanálise.

Não se sabe por que Keats criou tal expressão, mas alguns estudiosos de sua obra especulam que se inspirou na ideia químico-física de polo negativo como receptor pleno para o positivo. Essa receptividade, no caso do poeta, gera uma corrente estética, uma corrente de palavras eletrizantes.<sup>4</sup>

Incertezas, mistérios e meias-verdades, tomados no contexto de uma observação psicanalítica, falam sobre um sistema eternamente aberto que adquire significado com as noções de objeto complexo (Chuster, 1999; 2010; 2011; 2014; 2018a; 2020a). Na psicanálise, o objeto complexo ao qual me refiro é o objeto psicanalítico de Bion (1962a).

Um exemplo prático e trivial dessa complexidade ocorre quando inicio uma sessão de análise, ou enfrento uma página em branco para desenvolver algum tema, em ambas as circunstâncias sinto que tenho de continuar descobrindo a psicanálise por mim mesmo. O conhecimento adquirido no passado, quando não

3 Todas as noções sobre complexidade neste ensaio seguem, à medida que me foi possível, as ideias de Edgar Morin (1997; 2015; 2017).

4 Keats nomeia a pessoa que é capaz de fazer isso de *man of achievement*, e dá como exemplo Shakespeare. Bion (1970) usa em seu lugar a expressão *language of achievement*, dando essa possibilidade a qualquer pessoa, ou seja, não é necessário ser um gênio literário.

atrapalha, não me ajuda muito, portanto só tenho as minhas atuais perplexidades para oferecer. Não é nenhum engano se alguém disser que estou falando das lições de Bion.

A perplexidade é uma consequência do nascimento, ou, melhor, da passagem por uma cesura (Bion, 1975b). Quando é possível usar nessa passagem a intuição e a imaginação, há uma acolhida da perplexidade da experiência. Outras experiências estão correlacionadas a essa complexidade, como a conjunção constante (consciência do observador), as transformações e as interpretações (Chuster, 2018a; 2020a).

Uma cesura fala de relações de identidade e diferença entre as dimensões “dentro” e “fora” simetricamente dispostas em um espectro de possibilidades, que incluem continente e conteúdo, ir e vir, luz e sombra, acordado e dormindo, antes e depois, e assim por diante. São estados mentais que se relacionam em interminável complexidade. A cesura é uma entidade fantasmática infinitamente plástica cuja existência depende da interpretação de elementos simbólicos fornecida pelas transformações em curso na mente do observador.

### **A complexidade da cesura**

A cesura dos 70 anos me fez ver melhor que só posso oferecer aos meus interlocutores dúvidas e perplexidades. Penso que esse é um velho problema da psicanálise. Foi assim com Freud e com muitos de seus seguidores. Quando digo “muitos” (o que pode significar incontáveis) quero dizer que nem todos os psicanalistas que o sucederam o acompanharam nesse mérito.

Com tal afirmativa não estou venerando ou conservando piedosamente a herança de Freud, pois isso seria uma forma de esterilizá-la. Penso que é melhor considerá-la como o imperfeito início de uma ciência, que deve ser desenvolvida sem um limite ainda demarcável, tal como ocorre nas outras ciências. No entanto, penso que não é possível integrar a psicanálise em outras ciências, sob pena de encobrir sua originalidade. É fundamental estabelecer a cesura com outras ciências para percebê-la. Temos aqui um bom exemplo de argumento circular que podemos expandir.

O escritor inglês Quincey (2011) escreveu que descobrir um problema novo é de fato tão importante como descobrir a solução para um velho problema. O problema velho que trago é a perplexidade em psicanálise, entretanto esse é sempre um problema novo. Como conviver com esse paradoxo?

Note-se que digo “conviver” e não “resolver”. Trata-se de “conviver” com o intrincado de um paradoxo, observá-lo poeticamente sem memória e sem desejo (Bion, 1956/1967), ou com capacidade negativa (Bion, 1970), pelo tempo que for necessário para expandir as questões em um novo plano que conterà mais incógnitas e enigmas: esse é o coração do pensar complexo (Chuster, 1999; 2003; 2020a; 2020b), aumentam-se as possibilidades de resolver um maior número questões, o que não significa resolver o problema inicial.

De uma forma mais simples, podemos dizer que incontáveis vezes uma investigação científica viveu a perplexidade de constatar que a questão inicial era uma falsa questão, e que precisava ceder o lugar a novas questões. O inesperado saltou na frente do observador/pesquisador. Incontáveis vezes isso gerou um ato de criação, tal como foi o salto da física newtoniana para a física relativista, ou da geometria euclidiana para a geometria projetiva algébrica. Os saltos trouxeram perplexidades e complexidade.

Esse argumento encontra um sólido suporte na história do pensamento, que nada mais é do que a história das perplexidades dos egípcios, hindus, chineses, gregos, escolásticos, de Hume, Schopenhauer, Kant, Nietzsche, Newton, Einstein, Gödel, e por aí afora. Por essa razão, sem grandes pretensões, reafirmo que espero apenas compartilhar minhas perplexidades psicanalíticas.

Quando escrevo sobre minha experiência não é para alguém especificamente. Não escrevo para responder perguntas que apresentam deslocamentos lógicos, pois não posso dar conta de diferentes paradigmas como se fossem a mesma coisa. Tampouco pretendo fazer afirmações para estar de acordo com alguém ou com instituições psicanalíticas. Simplesmente me concedo licença “poética” para citar quem eu quiser o quanto eu quiser.

Sou um grande curioso da incurável curiosidade, e me agrada a perplexidade da ignorância para trabalhar e tirar dela proveitos significativos. Bion expressou isso de forma provocativamente bem-humorada no título do seu trabalho: “Como tornar proveitoso um mau negócio?” (1994).

Vou responder em parte a essa pergunta provocativa voltando ao início deste ensaio, em que afirmo que passei grande parte da vida mergulhado na clínica psicanalítica e em incontáveis trabalhos de psicanálise.

Tal imersão me trouxe a desconfortável sensação de ter lido escritos de astrônomos que nunca olharam para as estrelas. Poderia ser também de microbiologistas que nunca olharam no microscópio, ou ciclistas que nunca andaram de bicicleta. O que quero dizer é que muitos autores escrevem sobre psicanálise como se ela fosse uma tarefa de parâmetros formais e não o que realmente é: algo vivo como uma paixão e uma alegria que faz pensar.

Abro aqui um rápido espaço para prestar contas dessa afirmação acima citando Nietzsche: “pensar é uma festa” (1997, p. 32). Quando uso essa expressão não me refiro a uma festa no sentido tradicional de evento comemorativo. Trata-se do sentido não habitual da celebração da linguagem, a linguagem bem-sucedida (*language of achievement*). Celebra-se a inovação semântica, a proposição de uma nova visão como estímulo à compreensão de si mesmo. Por isso essa linguagem só pode ter “origem em uma matriz amorosa, de onde evolui até transformar-se em uma ação que gera conhecimento” (Bion, 1970, p. 47).

Entendo que é pela inusitada amorosidade da alegria do pensar que a vida se torna vínculo do conhecimento, porque só a alegria em pensar é que permite concluir que a vida é digna de ser vivida. Ainda, de acordo com Nietzsche (1997), é pela doutrina da alegria que se poderia chegar a uma doutrina da vida. Todavia,

uso aqui a palavra “doutrina” no sentido taoísta (Dô) de caminho a ser trilhado – não o caminho certo, mas o da disciplina que escolhi. Complemento essas ideias com o poema “A estrada não trilhada” (Frost, 2015), em que a diferença se dá pela escolha da estrada que não é trilhada pela maioria, mas, ao mesmo tempo, ao escolher uma estrada, também tenho que conviver com aquela que não foi escolhida, pois o tempo não volta atrás para fazer a escolha não feita.

Por exemplo, li com grande respeito todos os grandes autores de psicanálise. Achei que iam me trazer menos inquietude com relação ao inconsciente e que as coisas ficariam mais fáceis. Total engano. Não podemos entrar em espaço aberto e desconhecido sem ter dúvidas e incertezas, e sem levar em conta a hipótese de que nada pode ser encontrado. Tive que continuar escolhendo. Percebi que o maior perigo para a psicanálise não são as inovações nem as deformações dos sucessores de Freud. Todos os desvios sempre foram superados. O problema maior está sempre relacionado com formas tradicionais de pensamento que tentam encobrir a originalidade da psicanálise.

Tal problema não é privilégio da psicanálise, por exemplo, a física de Galileu foi obrigada a retroceder, domesticada por Descartes, mas o que era original em Descartes foi reduzido pelos cartesianos, e foi preciso um Newton para reencontrar a virulência de Galileu e resgatá-lo das amarras da tradição metafísica (Prigogine, 1980). Em resumo, sempre existe muito perigo em ditar as regras de como se deve pensar psicanaliticamente.

Max Planck, o chamado pai da física quântica, nos alertou sobre a necessidade de pensar com vistas ao futuro. Ele disse: “Não é a posse da verdade, mas o sucesso que vem após a pesquisa, onde a busca é enriquecida por ela” (1949/1987, p. 10) As gerações acrescentam pesquisas e pensamentos, preparam o futuro das ideias. Mas também podem institucionalizá-las e matá-las, transformando-as em crenças disfarçadas de ciência.

Por ter escolhido ser pobre em crenças e rico em dúvidas, seguindo Carlos Drummond de Andrade (2019), dei o benefício da dúvida aos grandes autores lendo diversos intérpretes de suas obras. Após ler muito, concordo com o escritor Elias Canetti quando disse que evitava pronunciar a palavra “inconsciente” pelo receio de tirar dela o seu mistério (1988, p. 112). Portanto, em vez de me acalantar, a maioria das definições de inconsciente sempre me trouxeram a sensação de estar observando as estrelas sem telescópio, sem saída a não ser voltar a descobrir a psicanálise. Voltei à vida.

Preciso aqui fazer uma exceção a alguns autores, mas vou me concentrar em Bion, pois ele sempre me levou de volta para a vida prática da observação. Bion tem sido a minha escolha da estrada menos trilhada. Mas note que continuo convivendo com a outra estrada que a maioria escolhe.

Bion insistiu em admitir a existência do inacessível, alertou quanto à predominância da ignorância sobre o conhecimento fugaz e perseverou na busca da perplexidade. Ele disse que o inconsciente é um “tigre, o consciente um elefante correndo pesadamente atrás dele, e a psicanálise é só uma listra do tigre que vemos

por um instante” (1975b, p. 12) Que imagem maravilhosa! Ao mergulhar nela consigo sentir o cheiro úmido da floresta, a alternância de temperatura nas regiões de luz e sombra, escuto o silêncio sendo quebrado pelo ruído sorrateiro do tigre nas folhagens, e sou atingido pelo vento e pela poeira da passagem de um elefante correndo pesadamente. Hoje entendo que preciso dessa vivência “poética” para começar uma sessão de análise. Eu a descrevi como o psiquismo fetal da realização, a imaginação radical (Chuster, 1999; 2003; 2010; 2014; 2018a; 2020a) que combina imagens que não são visuais, mas olfativas, táteis, auditivas, proprioceptivas, criando a moldura tridimensional de uma espécie de janela (a pré-concepção) que irá receber a paisagem simbólica do mundo pós-natal.

A imagem poética fantástica de Bion se sobrepõe como imagem onírica e nos conduz à relação que o observador tem com a paisagem em um momento especial onde se pode ver pelo jogo de luz e sombra certas coisas e outras não. Considere-se a paisagem como metáfora do inconsciente. Qual o estado mental do observador? Acordado, dormindo, adormecendo, despertando? A percepção do tempo impõe cesuras. São momentos fugazes como todos os que numa sessão de análise nos aproximam de algum conhecimento.

Para usufruir do que nosso ser é capaz de alcançar é preciso renunciar aos elementos gratificantes de certeza e nos deixar levar pela alvorada de um novo dia, ou pelo início de uma noite que nos levará ao amanhã que não conhecemos, mas é para onde temos que ir.

Portanto, o inconsciente também é, como diz Bion (1965), um “O” – um Onthos que nada diz –, e quando vou na suposta direção onde parece estar, ele já se moveu e continua se movendo (Opus), e quando parece ser alcançado já voltou para onde eu pensava que inicialmente estava. Parece que observar o inconsciente é como o vai e vem de uma única onda quântica que não encontra barreiras.

As ideias ativam minha imaginação e me fornecem um caminho poético. Assim entendo Bion: a vida é feita de poesia, uma afirmação para muitos bem desinteressante.

A poesia não nos é alheia; como diz Borges, “a poesia espreita, a cada esquina” (2000, p. 3) Pode, como um tigre, saltar sobre nós a qualquer momento. Faz aquilo que o inconsciente faz nas sessões de análise. Uma mente psicanalítica deve estar preparada para esse encontro, para essa, digamos, serendipidade (Chuster, 2018c). Um encontro que sempre traz perplexidade.

## O enigma

Agora vou falar de uma suposição prosaica que defino como uma ilusão para enganar a pré-concepção. São as formulações da ordem das crenças, as chamadas verdades-adequação. Faço aqui uma contraposição com o termo verdades-manifestação.

Pensamos, por exemplo, que, se estudarmos Homero, ou a Divina comédia, ou Keats, ou Shelley, ou Fernando Pessoa, estamos estudando poesia. A mesma suposição ocorre em psicanálise. Tenho muitos livros no meu consultório, alguns

pacientes quando ali entram pela primeira vez, volta e meia, com um certo ar de dúvida, perguntam se li tudo aquilo. Mal sabem eles que tenho o triplo em casa. Poderia até responder que li e não li, pois, uma leitura é sempre incompleta, mas não digo isso. A questão deve ser, e sempre é, outra. Os pacientes podem estar perguntando, ou eu também posso estar me indagando: tenho experiência suficiente para atender à complexidade da psicanálise? A resposta é: não tenho. A cada paciente e em cada nova sessão estamos sempre começando a descobrir a psicanálise.

Os livros de nada adiantam se despertarem a onda quântica da poesia, não como estilo literário, mas como uma cesura que traz a possibilidade de inovação semântica. Trata-se de uma forma de me conectar ao vínculo vivo do conhecimento descrito por Bion (1962a) como vínculo K, que é um vínculo com o futuro. O vínculo descrito na trilogia entre *Myself*, Bion e P. A. me mostra que dentro de mim existem três sujeitos em estado, digamos, de pré-concepção: Eu mesmo, Arnaldo e o psicanalista/analizando. Renovo a licença poética para citar e parafrasear Bion.

O poeta Emerson (cit. Borges, 2000, p. 3) escreveu que uma biblioteca é uma espécie de caverna mágica cheia de mortos, que podem renascer, voltar à vida, quando abrimos suas páginas. Algo precisa ser feito para isso acontecer, não basta abrir as páginas, precisamos encontrar nelas um caminho para a nossa imaginação. O escritor Rubem Fonseca (2003) definia a imaginação como um labirinto em que o difícil não é a saída, mas a entrada. Eu penso que para entrarmos na imaginação e sair com uma interpretação precisamos, como no mito de Teseu, levar o fio da verdade e da intuição. Um critério para ir e vir, dentro e fora, luz e sombra, o critério da cesura. Caso contrário, o Minotauro da pesquisa nos lançará ao limbo da perda de tempo, das certezas e das verdades-adequação.

Thoreau, com quem Emerson teve muito contato, escreveu que o sabor da maçã não está na própria maçã – a maçã não se saboreia a si própria – nem na boca de quem a come. Requer um contato entre as duas, boca e maçã (Furtak, Ellsworth & Reid, 2012; Harding, 1982).

Bion nos traz essa sabedoria o tempo todo: o importante é o vínculo. Pode ser o vínculo entre Eu mesmo, a intuição e a imaginação. Eu mesmo é alguém que não sei de fato quem é totalmente, pois está sempre em transformação, a intuição é um potencial que herdei e desenvolvi de muitas formas, e a imaginação é produto da minha incurável curiosidade em contato com a estética.

O presente ensaio é antecedido por uma quantidade expressiva de livros, uma biblioteca. Nela encontro palavras, mas se estiverem imbuídas de alguma imaginação e sincera poesia, ambas fazem que os símbolos saltem para a vida, e aí temos uma experiência da palavra. Trata-se de uma originalidade que é preciso preservar e, até mesmo, voltar a descobrir.

Tragicamente muitos autores tentam mandar palavras para o necrotério, mas antes as fazem agonizar. Penso que ali não é o lugar delas, se estiverem agonizantes, precisam ser reavivadas com um choque desfibrilador de perplexidade. Podemos ter velhas palavras sendo novas palavras pós-perplexidade. Essas são lições destacadas de Roger Piper-Fowler (1979) “A linguagem é muitas vezes feita

para servir a fins inaceitáveis, ajudando a torná-los aceitáveis”<sup>5</sup>. Mas também li algo assim em Guimarães Rosa, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, Manoel de Barros, Mia Couto. Se continuar a lista não escreverei nada mais além dela.

Por essas razões, recordo agora o famoso soneto de Keats, “Folheando pela primeira vez o Homero de Chapman” (2015), que Borges enfatizou que talvez os leitores nunca tenham reparado como é estranho. Afirma que as “coisas perfeitas em poesia parecem estranhas porque são inevitáveis” (Borges, 2000, p. 4) Destaco no poema a inevitável perplexidade que é descrita e a complexidade que compartilha com o leitor.

O que esse poema tem de estranho é o fato de ser escrito sobre a própria experiência poética. Podemos compará-lo com a discussão da peça Seis personagens em busca de um autor (Pirandello, 1921/1977), na qual se discute a arte por três vértices: autor, criador e personagem – Bion, Myself e P. A. (Bion, 1975a; 1977; 1979).

O poema pode ser visto pelo vértice de que na história da humanidade, uma impactante descoberta surge da busca de uma hipotética “verdade”, um mistério que uma vez revelado esclarecerá definitivamente a ordem oculta que parece reger a natureza. Quando isso parece acontecer, surgem o mistério, as dúvidas e a incerteza. Não se pode negar que essa tríade mobilizou inúmeras investigações e navegações por mares nunca dantes navegados em todas as atividades humanas.

Vi reinos de ouro, onde vislumbrei na mais obscura  
 Face da terra, impérios com diversa gente  
 E me acerquei também das ilhas do ocidente:  
 Que aos poetas, Apolo presenteou com brandura.  
 Conhecia sobre legiões perdidas na lonjura.  
 Dos tempos, de que outrora Homero foi regente;  
 Porém seu ar sereno eu o aspirei somente  
 Ouvindo Chapman, na versão altiva e pura:  
 Então me vi como quem capta o resplendor  
 De um novo astro no céu, em solidão tamanha  
 Como a do audaz Cortez, com seus olhos de condor,  
 Ante o Pacífico – seus homens, numa estranha selvagem suspeita,  
 Silentes ficaram a entreolhar-se, em Darién, do alto da montanha.  
 (Keats, 2015, p. 40)

5 Language is often made to serve unacceptable ends by helping to render them acceptable (tradução livre do autor).

É a experiência poética em si citando George Chapman,<sup>6</sup> suposto rival de Shakespeare, regressando à vida quando Keats leu a sua *Ilíada* e *Odisseia*. Temos o curioso equívoco de Keats localizando Darien no México, quando o monte fica no Panamá. Keats no seu deslize aumentou a distância entre o Atlântico e o Pacífico. Nunca esteve por lá, mas não perdeu a rima poética. Temos três personagens: Keats, Chapman e Cortez. Quanta estranheza sentiriam, imagino, caso se encontrassem para conversar sobre navegação. Mas também sentiriam afinidades que lhes deixariam perplexos.

Há uma expressão no título do poema que me parece muito importante: “primeira vez”. Essa primeira vivência traz emoções que, quando reveladas, alguma coisa nos acontece. Acontece não apenas à nossa inteligência, mas a todo o nosso ser. Não é estranho se pensarmos aqui no nascimento, na cesura do nascimento. Essa primeira vivência é a passagem de um meio a outro, do líquido para o seco, da sombra para a luz. O conteúdo se faz continente do que lhe era continente, e que passa a ser conteúdo. Continente e conteúdo não podem se separar, só podem existir em estado de cesura. E a relação entre eles é como o amor: “Que não seja imortal, posto que é chama, / Mas que seja infinito enquanto dure” (Moraes, 2009, p. 20)

Não sabemos o que Keats sentiu depois de ter percorrido os muitos capítulos da *Ilíada* e da *Odisseia*. Penso que a primeira leitura de um poema é uma leitura verdadeira, e se acharmos que na releitura é o mesmo poema, isso será iludir com a crença de que a impressão se repete. O poema não se repete. A psicanálise não se repete. Por isso podemos dizer que a poesia é uma nova experiência a cada vez. A psicanálise também. A cada vez que leio um poema, a cada vez que entro numa sessão de análise, sucede a experiência da primeira vez. Isso é poesia e é mistério, um enigma que não posso solucionar.

Em outras palavras, toda vez que nos aproximamos da revelação de um mistério, algo estranho parece acontecer. Keats o descreve como *wild surmise* (suspeita selvagem). Por exemplo, o mistério da natureza parecia solucionado com Isaac Newton. Era como se ele tivesse encontrado o Santo Graal. No fim do século xviii, Pope escreve:

A Natureza e as suas leis estavam escondidas nas trevas e Deus disse: que se faça Newton! E fez-se a luz ... o matemático e astrônomo Laplace reconhece os *Princípios matemáticos da filosofia natural* (1687) como a maior obra de Newton. (citado por Penrose, 1994, p. 157)

A obra é um tanto mais impressionante quanto é certo o fato de que Newton obteve seus principais resultados em 1666, aos 24 anos, quando tinha

6 George Chapman (1559-1634) foi um dramaturgo, tradutor e poeta inglês. Ele foi um erudito clássico cujo trabalho mostra a influência do estoicismo. Chapman foi especulado para ser o Poeta Rival dos sonetos de Shakespeare de William Minto e como um antecipador dos poetas metafísicos do século xvi. Chapman é mais lembrado por suas traduções da *Ilíada* e da *Odisseia*, de Homero, e a homérica *Batrachomyomachia*.

se retirado para sua casa de campo a fim de escapar da pandemia que assolava Londres e seus arredores.

Mas o que têm a ver a física newtoniana, a pandemia e o enigma? O que têm a ver Homero, Joyce, Keats e Bion? Nada e tudo ao mesmo tempo. Não tem nada a ver se considerarmos que são pessoas e fatos afastados no tempo, épocas distintas, culturas diversas, atividades diversas. Todavia, a pandemia voltou tal como em 1666 e ainda é uma atualidade assustadora e mortal que parece reencarnar de tempos em tempos. As emoções permanecem as mesmas, mas as ideias reencarnam causando perplexidade.

A época de Homero era assustadora, assim como foi a época de Newton, como a de Joyce e Bion, e suponho que isso não os impediu de criar uma obra fantástica que viaja através dos séculos, tal qual uma máquina do tempo. E o tempo mostra que a guerra até hoje travada contra pandemias e “fraudemias” (Chuster, 2020b) teima em não terminar.

### **Navegando**

Imaginemos um viajante proveniente de uma galáxia distante chegando hoje à Terra e se depara com a espécie humana subjugada por uma doença, com bilhões de indivíduos presos a uma espécie de energia teogônica: um misterioso vírus decidindo como um deus sobre a vida dos indivíduos do planeta. O discurso corrente sobre essa tragédia assemelha-se ao que tantas vezes a espécie vivenciou com o nome de guerra e suas consequências: morte, sofrimento, fome, caos econômico, desordem no sistema de saúde, oportunismos, terrorismo midiático, tirania de grupos, maniqueísmo político.

A Teogonia constituía, com os poemas de Homero, a cartilha na qual os gregos aprendiam a ler, pensar, entender o mundo e reverenciar o poder dos deuses. Outros povos em outras épocas inventaram coisas parecidas, cartilhas de salvação e redenção que viraram cartilhas políticas, cada qual prometendo mais salvação e muita redenção. Utilizam-se de mitos disfarçados de ideologia para contar velhas histórias como se fossem ideias novas.

Passaram milênios... e parece que ninguém aprendeu a essência de que se tratava apenas de um simples movimento de ir e vir, da viagem da vida que não tem no final nem salvação e nem redenção, apenas um legado de criação para valer a pena ter sido vivida. Imagino que esse fato deixaria os viajantes de outra galáxia perplexos. Por que essa espécie não aprende com a experiência se, contraditoriamente, até sua genética se organizou para sobreviver através do aprendizado? Por que a capacidade para pensar – que deriva desse aprendizado – não se tornou natural para essa espécie?

Sem respostas, talvez os extraterrestres ficassem mais agudamente perplexos, ao perceberem que essa incapacidade para pensar causou misérias e infâmias atrozes, horrores infundáveis, crimes hediondos, inquisições, genocídios, apenas pelo fato de que alguém achou que era um deus e fez acreditar que possuía uma verdade.

Talvez se entenda que isso ocorra pelo fato de que a espécie na busca do saber acumula desconhecimento. Não tolera esse resultado e precisa aplacar o vazio com mentiras e falsidades. Precisa enganar e iludir a sua essência de busca do conhecimento.

Imaginemos agora que o viajante de outra galáxia, nessa altura totalmente decepcionado, não só pela teogonia, mas também por constatar que pouquíssimos indivíduos (os governantes) se utilizam dela para se manter como deuses, procurasse algo em comum com os bilhões de terráqueos que desperdiçam sua vida inteligente. No final da pesquisa, talvez a única coisa em comum fosse a atividade de navegação.

Tal atividade, seja por mares desconhecidos, seja pelo universo desconhecido, como já disse, sempre motivou o ser humano. Fernando Pessoa nos recorda a frase que traduz esse espírito de busca, uma frase que na realidade pertenceu ao famoso general romano Pompeu: “navegar é preciso, viver não é preciso” (2019, p. 132).

Pompeu usava a frase para encorajar seus marinheiros assustados, Pessoa se refere como vinda dos antigos navegadores portugueses. O poeta nos fala de algo muito importante para vencer seu medo: “quero para mim o espírito dessa frase de forma a se casar comigo, aí eu digo, viver não é preciso, o que é preciso é criar” (2019, p. 132).

Foi esse espírito que nos permitiu falar hoje sobre obras antagônicas tais como são a *Ilíada* e a *Odisseia*. Ambas formam um par antagônico, talvez o mais sublime, que carrega um espírito reencarnado muitas vezes na História – o espírito da criação.

É sobre a criação de Homero e a encarnação deste em James Joyce na sua obra *Ulysses*, e tendo como meus navegadores Freud e Bion, que a seguir neste trabalho desenvolvo algumas ideias sobre a cesura e o tempo. *Sapere aude*, axioma de Horácio.<sup>7</sup>

### **A cesura e o tempo nas dialéticas ir e vir, dentro e fora, continente e conteúdo, luz e sombra**

De um extremo a outro da *Odisseia*, o tempo é um suceder de cesuras. O presente apela ao futuro e, ao mesmo tempo, não deixa de se referir ao passado. O futuro é anunciado e admite-se que o passado condiciona o presente. Existe a busca do conhecimento, a transformação em K, mas o desconhecimento pode se acumular nessa busca. Algo nesse desconhecido parece perdido no passado esquecido e, quando entra em evidência, passamos para a transformação em movimento rígido (Bion, 1965). Seria válida a analogia com o movimento odisséico? Nele o tempo circula conectando fatos passados com uma fidelidade incômoda no presente, acompanhada de uma certa nostalgia, sensação de um objeto perdido e luto incompleto.

A tolerância à ausência do objeto é a única origem do pensamento simbólico e sua condição de desenvolvimento. Bion (1962b) fundamenta a teoria do pensar

7 “Atreva-se a conhecer” (Horácio, livro I, carta 2, verso 40, citado por Kant (1984, p. 322))

nessa origem, mas a entende de uma forma emocional, como experiência centrada na frustração, cuja complexidade se espalha no espectro da dor psíquica. Na relação com essa experiência percebemos a luta em busca do significado. As transformações decorrem da maior ou menor tolerância a essa ausência/frustração/dor psíquica. As transformações se sucedem de acordo com o índice maior ou menor de tolerância, surgem descrições de transformações projetivas e transformações em alucinação. Poderíamos acrescentar transformações psicóticas como intolerância total à ausência do objeto, algo como uma privação absoluta, uma dor infinita sem significado?

A Odisseia é a viagem de ida rumo ao desconhecido. Mas o discurso é perpassado pelo idealizado dia do retorno de Ulisses, desejado, sempre esperado e nunca atingido durante 20 anos.

Desde os primeiros versos do poema o tempo futuro se coloca em Ulisses pelo objetivo:

Aspirando a ver, nem que seja a fumaça.

Brotando do solo da sua pátria, a morte chama. (Homero, 2000, p. 10)

A Odisseia trata de uma ida em busca do ser, uma busca de vida usando os conhecimentos adquiridos na jornada para além do si próprio conhecido.

Na *Ilíada* significa que se houve uma ida, uma volta há de ocorrer, houve um espaço fora e agora o espaço de dentro deve vir a ser, e se relacionam como existência, como a vida. Mas as transformações ocorrem de modo distinto, enquanto a intolerância à ausência fica mais forte e aparecem as transformações em alucinação.

Na Odisseia, Telêmaco se informa em Pilo, junto de Nestor e, em Esparta, junto de Menelau. Quando Ulisses aparece, por fim, aos Feácios,<sup>8</sup> é para inquire-los sobre os meios de retorno. Interrompe seus relatos no momento mais cativante de sua visita à morada dos mortos, quando mesmo antes de falar de Agamenon “todos se calavam na sombra da sala e, seduzidos, guardavam silêncio” (Homero, 2000, p. 11) para lembrar o essencial, tal como fez Keats pelos olhos de Cortez e seus soldados ao enfrentar a perplexidade muito semelhante ao que Homero escreveu: “A minha partida está nas vossas mãos e nas dos deuses” (2000, p. 12). Desamparado pela perplexidade, Ulisses recorre à onipotência.

O dia do retorno Ulisses jamais verá: caiu a noite e dormindo chega a Ítaca; os pilotos feácios o desembarcam na areia, onde acordará na manhã seguinte, rodeado pelas suas bagagens, sem mesmo reconhecer sua terra natal.

Uma vez escondidos os presentes dos feácios, Ulisses disfarçado de mendigo por Atena e o navio transformado por Poseidon num rochedo, faz com que nenhum traço subsista, e algo permanece inacessível, palavra-símbolo

8 Feácios, em grego clássico *Φαίακες*; Phaíakes; na mitologia grega, eram marinheiros hábeis, descendentes do herói epônimo Féax, que os levou a Hipéria, onde viveram até serem expulsos pelos ciclopes, e então viajaram à ilha de Esquéria, onde se tornaram navegantes e mercadores. Seu rei Alcino decidiu ajudar o naufrago Ulisses, rendendo um castigo de Poseidon, que cercou a cidade feácia com montanhas.

magnífica do inconsciente; ninguém pode agarrar o instante fugidio em que o futuro se torna passado.

No universo da sede de saber se situa a Odisseia. As cartas são mostradas no princípio, no ponto da partida; o desenrolar da epopeia mostra a inexorável realização do que foi anunciado por todas as partes e confirmado por tantos exemplos. As diferentes partes da obra remetem-se umas às outras e para o todo. Uma obra holográfica que nos fala da complexidade do inconsciente. O próprio autor, Homero, tem seus avatares na Odisseia, os bardos Fêmio e Demódoco, que cativam a assistência e fazem chorar os heróis. Homero autor tem seu *Myself* que lhe responde como criador, assim como tem o seu P. A., o seu personagem.

Na *Ilíada* tudo se passa de outra forma, trata-se de uma epopeia do presente, um presente que não é comandado pelo passado e que decide o futuro com toda a liberdade. Mas retornar implica a perda do mundo conquistado. Os sentimentos resultantes são de ódio. Os primeiros versos falam disso.

Deusa, canta-nos a cólera de Aquiles, desse filho de Peleu, cólera detestável que valeu aos Argivos inumeráveis desgraças e largou no Hades tantas almas de heróis, entregando seus corpos para pasto dos pássaros e dos cães. (Homero, 2000, p. 15)

É a história de uma cólera com sua característica de imediatismo e grandiosidade, a ação irá durar alguns dias apenas. Os heróis vivem no instante, Aquiles não pensa senão na sua cólera e em vingança. Até a morte de Pátroclo não tem o peso do passado sobre os personagens, nem recordações, nem fronteiras. Não há nenhum objetivo a ser alcançado pelos heróis.

A intriga da *Ilíada* é simples, construída sobre duas decisões individuais de Aquiles: a primeira é a de se retirar para sua tenda depois de ter sido insultado. A segunda decisão é a de vingar-se matando Heitor, mesmo quando essa morte implica a sua própria a curto prazo. Supomos aqui algo como uma relação continente/conteúdo parasitária, um vínculo amargurado pela inveja e pela ausência de seu antídoto: a gratidão.

O Aquiles da *Ilíada* vive pelo ódio apenas no tempo presente; na Odisseia, Ulisses consulta o passado e calcula o futuro. Nesse caminho de ida parece que a curiosidade rompe com os parâmetros do pensamento. O desconhecido parece atrair, e muitas vezes o pensamento aí se perde.

### **O Ulisses de Joyce**

A obra de Joyce, *Ulysses* (1922/2011), é uma paródia da Odisseia, de Homero. O personagem principal, Odisseu (Ulisses), é representado por Leopoldo Bloom, um agente de publicidade dublinense, que condensa a Odisseia em apenas um dia.

Na obra de Joyce, todas as ações do personagem principal ocorrem no dia 16 de junho de 1904. A recriação do épico de Homero pode ser exemplificada pelos três principais personagens do romance. Leopoldo Bloom representa Ulisses;

Molly Bloom, mulher de Leopoldo, representa Penélope; e Stephen Dédalos representa Telêmaco.

O romance apresenta 18 episódios, seis a menos do que a Odisseia. Joyce opta por suprimir alguns capítulos da obra grega, antecipa alguns, posterga outros, para enfatizar o processo psíquico dos personagens, que é o ponto que mais lhe interessa.

Apesar de baseado em heróis gregos, os personagens de Joyce apresentam características psicológicas bastante diferentes dos descritos por Homero. Stephen Dédalos é um erudito; Molly Bloom representa uma mulher adúltera; e Leopoldo Bloom é um homem típico de classe média de Dublin: desajeitado, engraçado, reflexivo e coloquial. Ao mesmo tempo é um judeu irlandês, uma significativa minoria, como são os poetas.

Na obra de Homero, encontramos as aventuras de um herói, Odisseu. Há também sua esposa, Penélope, que se manteve fiel ao marido, aguardando-o mesmo com o assédio de vários pretendentes. Completando, há Telêmaco, em constante busca pelo pai Odisseu.

Em paródia à obra de Homero, encontramos no romance de Joyce um marido traído que vive procurando por seu filho, e uma mulher infiel que comete adultério naquele dia.

O romance é considerado uma paródia moderna, na qual há o predomínio da autoreflexividade que visa romper com qualquer possível fechamento de sentido. Nesse tipo de literatura, há uma reativação do passado (no caso, a obra de Homero), dando-lhe um novo contexto e ressaltando a diferença de duas épocas. Joyce apresenta uma cesura e acompanhamos as transformações dos personagens.

Mas não é isso que de certa forma as transformações analíticas procuram descrever?

### **A pré-concepção de Bion em Joyce ou vice-versa**

As últimas páginas do livro *Ulysses*, de acordo com Octavio Paz (1993; 1994), podem ser lidas como uma versão do mito Eros e Psique, versão de Apuleio. Stephen e Bloom representam os dois vértices internos de Joyce, e o próprio Joyce é o terceiro vértice. Após vagabundarem por Dublin, num fluxo sem ponto nem vírgula (o tempo é ininterrupto, não há pausas), voltam à casa de Ulisses-Bloom (Ítaca) onde os espera Penélope-Molly.

Molly é todas as mulheres, ou melhor, é a Ideia-Mãe, amada por Joyce. Ao ver Stephen, o jovem poeta, Molly decide ser sua amante. Molly não é só Penélope, nesse outro vértice é também Vênus, mas sem a poesia e seus poderes ferozes de conspiração.

Embora Molly seja uma ignorante (como a personagem que Bion descreve como Rosemary em *Uma memória do futuro*), sabe que não é nada sem a linguagem, sem as metáforas sublimes ou idiotas do desejo. A poesia, a mais elevada e a mais humilde das artes, é seu espelho: ao ver sua imagem, nela penetra, indo ao abismo do seu próprio ser e convertendo-o num manancial. Molly exige

sinceridade e confiança, propõe que se vá aos extremos dessa relação virtuosa e, assim, pode criar intimidade.

A intimidade é como uma armadilha que não mais soltará sua presa e, por sua vez, se sentirá nela acolhida. Será que, como no poema de Yeats, “Salomão e a feiticeira”, o término do assassinato da presa na teia trará no leito nupcial a decepção (citado por Bion, 1975b), pois para cada imagem sonhada aparecerá uma imagem real? Não para Joyce, pois Eros e Psique é o único mito grego que não termina em tragédia, as decepções se complementam com a vida que oferecem.

Molly é um manancial e fala sem parar num longo solilóquio que é como um inesgotável murmúrio que brota de uma fonte: a pré-concepção. Toda essa torrente de palavras é um grande sim à vida, um sim indiferente do bem e do mal, um sim egoísta, prudente, ávido, generoso, opulento, cósmico, mas cruel. Um sim de aceitação que funde e confunde em seu monótono fluir: o passado, o presente, o futuro; o que fomos, o que somos, o que seremos. Tudo junto e todos juntos em uma grande exclamação, como uma onda que levanta, afunda e mistura todos em um todo sem começo nem fim. Veja-se assim o vislumbre de “O”, o assustador vazio infinito sem forma que a interpretação da psique arrasta como queda sem fim em direção à transformação em O.

Nessa direção, que o analista espera chegar com seus analisandos em algum momento, ele não pode recorrer à memória e ao desejo sob pena de ser um navegador desorientado no mundo sensorial, repetindo com o paciente as falhas do instrumento de navegação: a função alfa.

No conto de Apuleio, Psique, castigada por sua curiosidade, ou seja, por ser escrava e não dona do seu desejo, deve descer ao subterrâneo de Plutão e Prosérpina, reino dos mortos e das raízes e das sementes: promessa de ressurreição.

A descida ao reino dos mortos, como fez Dante na Divina comédia, permite elaborar sua perda, permite trazer de lá a fertilidade, a capacidade para criar as sementes que podem brotar. É o que em Melanie Klein está descrito como processo de reparação.

Passada a provação, Psique volta à luz e recupera seu amor: Eros, o invisível, por fim se manifesta. A função se realiza no casamento entre a invariante invisível e as variáveis da experiência. Surge uma concepção por meio da complexidade da realização.

Viver supõe uma contínua transição dentro-fora, ou dentro/fora, sendo “/” a cesura, metáfora do limite entre a vida intrauterina e a vida extrauterina. Dessa forma, a vida pode ser pensada através de uma dialética nesses termos, sendo o nascer o arquétipo de toda perplexidade.

Uma paciente me conta um sonho e comenta que ele é diferente de seus sonhos habituais que, no seu entender, sempre são de ansiedade. Esse sonho ocorre após sua primeira entrevista para começar a análise. Na entrevista, localizou seu problema imediato no seu relacionamento amoroso, que lhe surpreende por durar sete anos. Agora e sempre o problema lhe parece ser o sexo que minguou. Ela também se descreve como uma pessoa muito ansiosa.

Imagine-se que ela está prestes a iniciar a odisseia da análise; uma viagem rumo ao desconhecido, mas com intenções de redenção e salvação. Para tal, precisa fazer uma negociação de vida, lidar com sua turbulência na relação que se tornou a insustentável leveza do ser.

Tanto Homero como Joyce falam dessa negociação da vida, desse fluir da vida na dialética que a poesia sabe retirar do seu lugar-comum. Mas a psicanálise também deve fazer isso, e a própria paciente já estava fazendo ao buscar análise. Mas o que esperar da análise?

No sonho “diferente”, ela viaja até uma ilha paradisíaca do Caribe em busca de seu amor, mas quando lá chega percebe que os caminhos que levam até onde se encontra esse amor estão bloqueados por areia. Aí precisa explodi-los para abrir caminho, e acaba chegando numa praia onde um casal sutilmente flerta com ela.

O sonho, eu penso, fala da pré-concepção em busca de uma mente onipotente capaz de acolher e suprir todas as necessidades amorosas (o paraíso, o idílico Caribe), mas ao se aproximar da experiência surge a frustração dos caminhos bloqueados. Entrou areia, como diz a gíria.

Como lhe é muito frequente na vida, a paciente tenta abrir caminhos com violência, tem emoções fortes diante de obstáculos, mas que só a conduzem a uma relação inicial com um casal, onde existe apenas um flerte, uma incompletude, um novo prelúdio. Nada acontece, nada prossegue.

Qual é o tempo da idealização na odisseia da paciente para lugares paradisíacos? E qual é o tempo da Ilíada de ter que retornar para o conhecimento de si mesma? A relação é a mesma que encontramos nas concepções de tempo que caracterizam o indeterminismo da complexidade e o determinismo clássico. Por um lado, um perpétuo amor, o amor para sempre; por outro lado, um eterno presente, em que o desenrolar do tempo presente constrói o futuro de maneira imprevisível. O eterno presente mostra onde o desenrolar do tempo não passa duma aparência, mostrando um programa previamente registrado, tal como um computador. É certo de frustrar, é certo que a idealização conduz a decepção, mas é incerto que possa promover compreensão se os sentimentos forem demasiado fortes para sua mente suportar.

Entre essas duas concepções, temos uma terceira alternativa que aparece na obra de Proust. Ao renunciar ao tempo perdido, salva alguns episódios que entram em ressonância com o instante por ele vivido, lhe proporcionando uma inefável satisfação e a vitória final sobre a morte.

O ser que tinha renascido em mim quando, com um tal frêmito de felicidade, compreendi o barulho comum à colher que toca o prato e ao martelo que dá pancadas na roda, em contraste com as irregularidades dos passos dos pavimentos do palácio de Guermantes e do batistério de Saint-Marc, este ser só alimenta da substância das coisas e só nela encontra sua subsistência, as suas delícias. Ele definha na observação do presente onde os sentidos lhe trazem subsistência, na consideração de um passado que a inteligência torna árido, à espera de um futuro que a vontade

constrói com fragmentos do presente e do passado, retirando-os da sua realidade e não conservando deles mais do que o que convém para o fim utilitário, estritamente humano, que ela lhe atribui. (Proust, 2004, p. 67)

A analisanda atingiu uma posição que julgava estável, enfatizando o tempo de sete anos, mas descobre que não é o tempo que produz o elemento estável, existe oscilação na vida, os fatores desestabilizantes podem ser encontrados ao lado das relações de poder, que configuram o mundo das transformações em alucinose (Bion, 1965).

## **Conclusão**

As ideias desenvolvidas neste trabalho tiveram como pano de fundo o estabelecimento de relações entre o conceito de cesura em Bion (1977) e o conceito de simetria também utilizado por ele (Chuster, 2018a; 2018d).

Simetria é um conceito não linear que dá forma a muitos modelos matemáticos e físicos (Chuster, 2018a, 2018d). Na arte é utilizado para gerar imagens holográficas conectadas a uma ideia de Infinitude. O artista Escher (1992) é paradigmático nesse estilo.

O modelo cria uma interpretação da realidade conectado a um modelo espectral de possibilidades, seguindo a mudança de paradigma proposto pela teoria da complexidade (Morin, 2017). Desse modo, o conceito vai mais além da matemática e da arte, pois se trata de um princípio ético-estético do pensamento complexo (Chuster, 1999; 2003; 2011; 2014; 2018a). E como tal implica enfrentar paradoxos e contradições, encarar problemas insolúveis, alcançar os limites do conhecimento, conviver com esses limites pelo tempo que for necessário, para que novas variáveis surjam e criem novos espaços para pensar.

Se aplicarmos esse modelo ao uso da linguagem, veremos que, por exemplo, qualquer palavra pode ser limitada pelas letras e regras gramaticais, mas a realidade para a qual ela se abre pode ser reconhecida como uma realidade infinita.<sup>9</sup> Na poesia e na literatura esse aspecto é facilmente visível e observável. Alguns autores possuem o dom de associar certas palavras que dão um aspecto totalmente inusitado ao sentido comum previamente existente. Existe, portanto, criação. Muitas vezes uma criação ocorre onde menos se espera. Mais ainda, indica o fato de que é necessário algo proveniente da estética para que um pensamento faça a conexão com o não pensamento. Sem a visão estética fica difícil acompanhar o processo criativo que caracteriza a psicanálise. Freud realizou isso muitas vezes com imagens tiradas dos mitos e da literatura. As imagens por ele utilizadas provam que existe sentido no que parece não ter, que existe algo enigmático no que parece

9 Guimarães Rosa: “Meu lema é: a linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. Isso significa que, como escritor, devo me prestar contas de cada palavra, o tempo necessário até ela ser novamente vida. O idioma é a única porta para o infinito” (2003, p. 207)

evidente, e que existe uma profundidade de pensamento no que parece ser apenas um lugar-comum.

Por outro lado, a psicanálise é um campo específico, lida com a dor psíquica, por isso precisa de uma ética de pensamento para acolher essa visão estética. Sem essa ética a prática fica à deriva de hábitos e crenças. Podemos resumir a seguinte forma: na prática, uma interpretação analítica precisa ser capaz de abrir um mundo novo, não saturado com sentidos comuns. Ela precisa revelar um mundo que vai mais além da gramática e da combinação de letras. Trata-se de um mundo que reflete a simetria finito/infinito. Bion sugeriu que para nossa conveniência podemos usá-la no lugar de consciente/inconsciente.

A questão central é a busca/criação de uma linguagem para conduzir o processo analítico e que seja coerente com certos princípios presentes tanto na arte como na ciência.

O pensar psicanalítico quando permite a complexidade estabelece diversas pontes entre as mais distintas disciplinas, gerando novas questões, ou pelo menos novas formas de colocar antigas questões.

Em sua discussão do conceito de simetria, Bion (1977) começa refletindo sobre o termo “construção” usado por Freud (1937). Bion chama atenção para o fato de Freud ter considerado que o termo parece mais oportuno do que “interpretação”. Todavia, Bion (1977) diz que considera muito difícil concordar com isso, pois as interpretações não podem ser feitas sem construções prévias. E essas construções são instrumentos essenciais para trabalhar com as simetrias.

Bion propõe, como na arte, que um componente essencial desse instrumento seja a imagem visual. Ou seja, depende muito da intuição e da imaginação do analista. Ele a coloca na categoria de elementos C da Grade. Os elementos C (mitos, sonhos, pensamentos oníricos) são sempre espectrais e complementares. Sem eles não há processo psicanalítico. Além disso, os elementos C que geram a construção são polivalentes, ao contrário da interpretação que é monovalente, e são mais rápidos do que as formulações F (conceitos) ou G (sistema científico dedutivo), embora possam não ser mais rápidos do que as formulações H (cálculo algébrico). Todavia, essas duas últimas ainda não foram descobertas em psicanálise. Poderíamos, portanto, imaginativamente substituí-las (Chuster, 2020a) por formulações éticas e formulações de precisão poética (*language of achievement*).

A questão da relação entre simetria e cesura tem em Bion muitas consequências práticas que procurei rapidamente abordar neste trabalho. Podemos destacar as situações nas quais o analista tem que lidar com material primitivo. Bion diz que o analisando que funciona num nível primitivo se aproxima de uma espécie de princípio do “agir primeiro e pensar depois”. Geralmente um analisando como esse age em relação ao analista como se tivesse um inconsciente muito ativo, rápido e flexível, e que está sendo perseguido por um consciente pesado, lento e rígido: a analogia que mencionei do elefante tentando perseguir um tigre.

Com base nessa analogia desenvolve-se uma estratégia diferente para a observação do material. Trata-se de tomá-la de forma mais apurada apesar do uso

muito comum da analogia em psicanálise. Precisamos expandir o termo cuidadosamente, pois uma “analogia” pode ser usada sem critério. Para começar, precisamos destacar que ela sugere um continente que é ao mesmo tempo um disfarce e uma revelação de conteúdo. Colocamos uma cesura entre disfarce e revelação: aí forma-se uma simetria. A metáfora é silenciosa enquanto a relação que pretende mostrar não se revela. Mas quando revela algo, pode ser bastante eloquente.

Algumas vezes uma palavra ou uma metáfora foi tão usada na linguagem coloquial que acaba perdendo a vitalidade e morrendo. Mas, como já salientamos no início deste trabalho, ela pode ser ressuscitada pela justaposição de outra metáfora, cuja inadequação e não homogeneidade funciona como um desfibrilador, fazendo-a pulsar novamente.<sup>10</sup>

Bion chama atenção para a encruzilhada de desenvolvimento que pode surgir quando o pensamento privilegia as duas imagens usadas na analogia em vez de privilegiar a relação entre elas. O importante não é o tigre e o elefante, mas a relação entre eles. E quando vamos examinar a relação, diversas possibilidades se abrem. Não há como dar apenas uma interpretação. Se tivermos apenas uma interpretação, algo está mal direcionado, e tendo várias, melhor escolher a mais difícil de ser dada, ou a questão mais difícil de ser feita (Frank Philips, comunicação pessoal).

O que é mais difícil será sempre a turbulência emocional, consequência da passagem de um “pré” para um “após”. As expressões mudança pré e pós-catastrófica foram usadas por Bion no início de Transformações (1965). Ele voltou ao conceito no seminário Mudança catastrófica (1966), mas não menciona depois desta data o conceito.

Entendo que em diversos lugares e autores houve confusão entre o termo mudança catastrófica e o termo tragédia. O sentido original do termo “catastrófico” podemos resgatar adicionando a questão do tempo. Trata-se de um “após” pelo fato de ter existido um “antes”, mas entre um estado e outro houve a passagem por uma cesura.

Apesar de toda a nossa história ser regularmente pensada como “após a tragédia”, seja para se despedir da dita “tragédia”, seja para lamentá-la, ou para tentar encontrar a verdade, a proposição de Bion procura a complexidade que tire o pensamento da circulação em torno de apenas uma dimensão.

As transformações de um “antes” para um “após” implicam a ótica da complexidade em três dimensões: política (dimensão grupal), ética (princípios), estética (significado e linguagem). Essas três dimensões se confrontam com a vivência de perda (dor psíquica), a constante indecisão de discussões sem objetivo (alucinação), e as fantasias de redenção e ressurreição (ilusões religiosas).

10 Por exemplo, a palavra “elemento”, isoladamente, pode significar muita coisa e, por isso, não desperta muita atenção. Mas se a associarmos à letra grega  $\beta$  temos uma associação inadequada e não homogênea, despertando a curiosidade. Mais ainda, mesmo depois de explicada, continuará trazendo a sensação de algo faltando ao entendimento completo. Força a pensar novamente.

Quando se trabalha com essas dimensões notamos que existe uma indecidibilidade entre o espectro em que podemos localizar os termos desastre, desolação, tragédia, drama e catástrofe, que nada significam enquanto não se constrói um sentido, um sistema, uma sinergia, um *ethos* próprio. Esse *ethos* não pode ser reduzido ao *pathos* que o pensamento que não pensa costuma automaticamente vincular.

Foi a psicanálise, por meio das investigações de Freud, que pôde pensar o não pensado utilizando o mito de Édipo como gatilho para sair desse lugar-comum no pensamento humano. Há, portanto, uma exemplaridade inatingível da mudança catastrófica ou da tragédia psicanalítica: ela é exemplar do que pensamos, representamos, imaginamos, sonhamos – ontem, hoje e amanhã. Envolve todos os enigmas, todos os fatos cotidianos, o saber, o poder, enfim tudo que configura a cultura humana.

Na tragédia de Sófocles, Freud pôde ver que a ruína se conjuga a uma verdade, em lugar de carregar a verdade na ruína, como o faz o desastre da onipotência do pensamento moderno ou de sua versão simétrica: o desamparo moderno por meio das políticas de redenção.

### Referências

- Andrade, C. D. (2019). *Nova coleção: 23 livros*. Bestbolso.
- Aristóteles. (2015). *Poética* (P. Pinheiro, Trad.). Editora 34.
- Bion, W. R. (1962a). *O aprender da experiência*. Zahar.
- Bion, W. R. (1962b). A theory of thinking. In W. R. Bion, *Second thoughts*. Jason Aronson.
- Bion, W. R. (1965). *Transformações*. Imago.
- Bion, W. R. (1966). *Catastrophic Change*. Conferência proferida na Sociedade Britânica de Psicanálise.
- Bion, W. R. (1967). Differentiation of the psychotic and non-psychotic personalities. In W. R. Bion, *Second thoughts* (pp. 43-64). Heinemann. (Trabalho original publicado em 1956)
- Bion, W. R. (1970). *Atenção e interpretação*. Imago.
- Bion, W. R. (1975a). *Uma memória do futuro: o sonho* (P. C. Sandler, Trad.). Martins Fontes.
- Bion, W. R. (1975b). *Two papers: the grid and caesura*. Imago.
- Bion, W. R. (1977). *Uma memória do futuro: o passado apresentado* (P. C. Sandler, Trad.). Imago.
- Bion, W. R. (1979). *Uma memória do futuro: a aurora do esquecimento* (P. C. Sandler, Trad.). Imago.
- Bion, W. R. (1994). Making the best of a bad job. In W. R. Bion, *Clinical seminars and other works*. Karnac.
- Borges, J. L. (2000). *Esse ofício do verso. Companhia das Letras*.
- Canetti, E. (1988). *Uma luz em meu ouvido*. Companhia das Letras.
- Chuster, A. (1999). *W. R. Bion: novas leituras – a psicanálise dos modelos científicos aos princípios ético-estéticos* (Vol. 1). Companhia de Freud.
- Chuster, A. (2003). *W. R. Bion: novas leituras – a psicanálise dos princípios ético-estéticos à clínica* (Vol. 2). Companhia de Freud.
- Chuster, A. (2010). The origins of the unconscious. In J. Van Buren & S. Alhanati (Eds.), *Primitive mental states: a psychoanalytical exploration of meaning*. Routledge.

- Chuster, A. (2011). *O objeto psicanalítico*. Edição do Instituto W. Bion.
- Chuster, A. (2014). *A lonesome road: essays on the complexity of W. R. Bion's work*. TrioStudios; Karnac.
- Chuster, A. (2018a). *Capacidade negativa: um caminho em busca da luz*. Zagodoni.
- Chuster, A. (2018b). *Serendipidade e memória do futuro: pensamentos selvagens em busca de uma descoberta* [Apresentação de trabalho]. Jornada Bion da SBPSP, São Paulo.
- Chuster, A. (2018c). *Sortilégio* [Apresentação de trabalho]. Jornada Bion da SBPSP, São Paulo.
- Chuster, A. (2018d) Simetria e Objeto Psicanalítico: desafiando paradigmas com W.R.Bion. TrioStudios.
- Chuster, A. (2020a). *Psychoanalytical intuition in dream and waking life* [Apresentação de trabalho]. Congresso Internacional sobre a Obra de Bion, Barcelona.
- Chuster, A. (2020b, 23 de julho). *Visão do psicanalista na pandemia* [Videoconferência]. Zoom.
- Escher, M. C. (1992). *The pop-up book of M. C. Escher*. Pomegranate Communications.
- Fonseca, R. (2003). *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*. Planeta de Agostini.
- Frost, R. (2015). *The road not taken and other poems*. Penguin.
- Furtak, R., Ellsworth, J. & Reid, J. D. (Eds.). (2012). *Thoreau's importance for philosophy*. Fordham University Press.
- Fowler, R.; Hodge, B.; Kress, G. e Trew, T. (1979). *Language and Control*. Routledge,
- Freud, S. (1975). Construções em análise. Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 289-304). Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Harding, W. (1982). *The days of Henry Thoreau*. Princeton University Press.
- Heisenberg, W. (2007). *A parte e o todo*. Contraponto.
- Homero (2000). *Odisseia*. (O. Mendes, Trad.). Ars Poetica. EDUSP
- Joyce, J. (2011). *Ulysses*. Oxford's World Classics. (Trabalho original publicado em 1922)
- Kant, I. (1984). Kant e a resposta à pergunta: o que são as Luzes (J. E. Pereira, Trad.). *Cultura, História e Filosofia*, 3, 153-168.
- Keats, J. (2015). *The complete poetical works and letters of John Keats*. Cambridge Editions.
- Moraes, V. (2009). *Antologia poética*. Companhia de Bolso.
- Morin, E. (1997). *O método* (Vols. 1 a 4). Europa-América.
- Morin, E. (2015). *O espírito do tempo*. Piaget.
- Morin, E. (2017). *Introdução ao pensamento complexo*. Piaget.
- Nietzsche, F. (1997). *Beyond good and evil*. Dover.
- Paz, O. (1993). *A outra voz*. Siciliano.
- Paz, O. (1994). *A dupla chama: amor e erotismo*. Siciliano.
- Penrose, R. (1994). *Shadows of the mind*. Oxford University Press.
- Pessoa, F. (2016). *Obra poética de Fernando Pessoa* (Vol. 1). Nova Fronteira.
- Pirandello, L. (1977). *Seis personagens em busca de um autor*. In D. A. Prado (Ed.), *Teatro vivo*. Abril. (Trabalho original publicado em 1921)
- Planck, M. (1987). *Scientific autobiography, and other papers*. Berkeley. (Trabalho original publicado em 1949)
- Prigogine, I. (1980). *From being to becoming*. V. H. Freeman.
- Proust, M. (2004). *Obras completas*. Aguilar.
- Quincey, T. (2011). *Suspiria de profundis and other writings*. Digireads.
- Rosa, G. J. (2003). *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. Nova Fronteira.